

A médica garante que seu filho está bem, mas o instinto lhe diz que

Há algo errado

POR PAULA MICHAELS



M

EU FILHO ZACH nasceu perfeito. Pesava 3,300 quilos e media 53 centímetros. Tinha uma penugem lourinha e aqueles olhos azuis embaçados de bebê, que

se parecem com o fundo do mar. Fez tudo o que era esperado na época certa, sorriu com sete semanas, rolou com 12. Toda vez que íamos às consultas de rotina, a palavra favorita da pediatra de Zach ao responder qualquer pergunta era “normal”. Ela a pronunciava com voz meio cantada, que veio a se tornar

motivo de brincadeira entre mim e meu marido. Normal, normal, normal, David e eu saíamos cantando do consultório.

Lembro-me do dia exato em que deixamos de cantar “normal” tão alegremente. Foi num fim de semana, à tarde, no começo do outono. Estávamos sentados à mesa da cozi-

e parecia longe de aprender a sentar-se. Mas isso foi ocorrendo aos poucos. Você acha que seu filho está cansado. Ou que talvez esteja gordinho – deve ser por isso que ainda não se senta direito.

Passou-se uma semana e os incidentes continuaram. Tornei a ligar para a médica. Dessa vez, a voz dela

‘Nós já temos a resposta. E não é a que esperávamos.’

nha, entrevistando uma babá, e eu segurava Zach, na época com 6 meses. De repente, ele lançou os braços para cima e seus olhos rolaram um pouco para trás. Parecia o tal reflexo de Moro, a respeito do qual eu havia lido em livros sobre crianças, mas o estranho foi que ele repetiu o movimento uma meia dúzia de vezes. Senti um nó no estômago. Liguei para a pediatra no dia seguinte.

– Ele fez um movimento estranho – eu disse, e descrevi o ocorrido.

– Normal – respondeu ela.

Era tudo que eu queria ouvir. Ela era uma excelente pediatra. Se não estava preocupada, por que eu deveria ficar? No entanto, os movimentos não desapareceram. Não eram regulares, não aconteciam todos os dias, mas de vez em quando se repetiam. O gesto brusco dos braços. Os olhos ligeiramente virados. E Zach começou a ficar um pouco atrasado. Deixou de se virar com tanta frequência

já dava mostras de uma certa irritação. “Não estou nem um pouco preocupada”, afirmou. “Ouça, se aos 8 meses ele continuar fazendo isso, vamos pesquisar.”

Os episódios passaram a ser diários. Pela manhã, no trocador, Zach erguia os braços dez, vinte vezes. Bebês têm o sistema nervoso imaturo, David e eu tentávamos nos acalmar. Até que, um dia, aquilo aconteceu com uma intensidade inédita e gritei para David pegar a filmadora.

Depois liguei para a médica, o coração aos pulos, e inventei uma desculpa, pois não acreditava que ela nos atenderia por um motivo que já tinha descartado. Disse-lhe que Zach estava com tosse e febre. Diante desses sintomas, ela não podia se recusar. Armados da câmera de vídeo, entramos no consultório.

– Gravamos aqueles movimentos – eu disse. – Quero que você veja.

David ligou a câmera.

- É só isso? - perguntou, apontando para o filme. - Acho mesmo que não é nada.

Algo em mim explodiu. Sou tímida, falo baixo, enrubesco com facilidade e gaguejo. Naquele momento, porém, fiquei firme e exigi:

- Não saio daqui enquanto você não pedir um exame neurológico. Quero que Zach seja examinado hoje.

E comecei a soluçar.

Até hoje não sei o que deu em mim. Acho que foi uma espécie de instinto materno. Não sei se acreditava nisso antes, nesse velho clichê de que as mães têm intuição.

Meia hora depois, tínhamos um exame marcado para aquela mesma tarde. Assim que vi o neuropediatra - um homem na faixa dos 50 anos, cabelos grisalhos e óculos grossos -, soube que estávamos em boas mãos. "Vamos dar uma olhada nele", disse, deitando Zach na mesa de exame.

E, no futuro, quando eu me perguntar se Deus existe, vou me lembrar daquele momento: Zach teve um episódio bem ali, diante do neuropediatra. Observei o rosto gentil do médico, seus olhos, e o resquício de esperança que eu tinha de que não fosse nada desapareceu.

HÁ UM VÉU transparente que separa os saudáveis dos doentes, a vida feliz daquela que de uma hora para outra dá errado. Em um segundo, o véu pode se abrir e tragar você. É claro

que a maioria de nós jamais pensa nisso, porque, se o fizéssemos, nem nos levantaríamos da cama.

Depois do eletroencefalograma de Zach, o médico nos chamou ao consultório. Não estava sorrindo. Puxou a cadeira para a frente da mesa, a fim de ficar mais próximo de nós.

- Já temos a resposta - começou ele. - E não é a que esperávamos.

Depois, deu-nos o diagnóstico: espasmos infantis, um transtorno convulsivo raro, que acomete cerca de 200 a 700 bebês em cada um milhão. Quando você se vê do lado errado de uma estatística dessas, o mundo dá voltas em torno da Lua. A gravidade muda.

- O que isso significa? - perguntou David.

Eu estava com Zach no colo, seu cabelo oleoso por causa do gel usado para conduzir a eletricidade no exame. Ele dormia, parecendo muito tranqüilo.

- Não sabemos - disse o médico.

- A pior hipótese? - insistiu David.

- Lesão cerebral - disse o médico.

No rosto de David estamparam-se o medo e a dor. O médico prescreveu um medicamento ainda em estudo.

Com uma semana de tratamento, as convulsões de Zach desapareceram totalmente. Fomos pesquisar na Internet, buscando tudo o que podíamos sobre o assunto.

Mas as histórias que lemos eram sombrias. Embora os espasmos infantis costumem desaparecer de repente, as convulsões podem causar problemas, talvez porque a ativida-

de elétrica a elas associada provoque lesões no cérebro da criança. Alguns bebês acabam cegos ou surdos. Muitos ficam com alguma deficiência mental; 85% sofrem algum tipo de atraso no desenvolvimento.

Não encontrei uma só história de recuperação total na Internet. O máximo que descobri foi que o diagnós-

mos por que os espasmos surgiram. Todas as causas básicas foram afastadas. As teorias variam de pesticidas a algo congênito. A verdade é que ninguém sabe. Existem muitos fatores implicados na recuperação de Zach, e só de pensar nisso fico ofegante.

Quando penso naquelas semanas

O que teria acontecido se eu tivesse ouvido a médica?

tico e o tratamento precoces, além da rápida resposta aos remédios, são os melhores indicadores de recuperação. Passados alguns dias, dei-me conta de que a pediatra de Zach nem tinha ligado. Nem um telefonema para saber como ele ia. Era essa a médica que o examinara ao nascer e que o vira em umas dez ocasiões. Ela simplesmente desaparecera.

NO MOMENTO que escrevo, seis meses já se passaram. Zach acabou de completar 1 ano e eu acredito em milagres: ele continua sem crises. Engatinha, levanta-se, anda agarradinho aos móveis e fala “papá” e “mamã”. É um menino sorridente, perfeito. Com o tempo, vai deixar de tomar o remédio. O neurologista considera este um caso “ganho”. Nunca sabere-

que passei ligando para a pediatra e ouvindo-a banalizar minhas preocupações, sinto muita raiva. Se tivesse dado ouvidos a ela, se tivesse esperado Zach completar 8 meses para investigar a situação, meu menino lindo, curioso e esperto poderia ter sofrido uma lesão cerebral.

Por isso conto esta história. Confie em seus instintos. Se você acha que há algo errado com seu filho, insista em investigar. Faça o que for preciso para que lhe dêem atenção. De tudo que fiz na vida, meu maior orgulho é não ter arredado pé do consultório daquela médica, as lágrimas escorrendo pelo rosto, exigindo o pedido de um exame neurológico. Posso ter parecido louca. Ou histérica. Mas, naquele dia, salvei a vida do meu filho.

VOCAÇÃO

Arqueólogo: pessoa com carreira em ruínas.

KEITH MILLER, Austrália